

ESPORTE, IDENTIDADE E RELAÇÕES DE TRABALHO: HISTÓRIA DO PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL EM CRICIÚMA/SC (1948-1952)

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo contribuir para com o conhecimento acerca do futebol brasileiro de forma geral, estudando seu processo de desenvolvimento a partir de uma região específica. Para tanto, tendo como referencial teórico as ideias dos sociólogos Norbert Elias e Eric Dunning, faz-se uma análise do processo de profissionalização deste esporte na cidade de Criciúma. A exploração do carvão mineral no Sul de Santa Catarina, a partir do início do século XX, possibilitou o desenvolvimento na região de uma sociedade do tipo industrial, assim como o crescimento da prática do futebol, principal atividade de lazer entre os trabalhadores mineiros. A imprensa local e regional e as atas da liga apontam que principalmente após a fundação da Liga Atlético da Região Mineira, em 1948, verifica-se um aumento da competitividade entre os clubes e uma consequente ampliação da capacidade de suscitar identidades antagônicas entre torcedores que tinham nas relações de trabalho suas principais comunidades de referência. Em paralelo, constata-se também um crescimento dos atos violentos praticados durante os jogos. Segundo Dunning, todos estes fatores alteram o equilíbrio entre um jogo voltado para a satisfação dos próprios jogadores ou dirigido para os espectadores, o qual está na base do processo de profissionalização do esporte. Após um período de prática do que à época foi classificado como “profissionalismo camuflado”, o regime profissional foi oficializado em 1952.

Palavras chave: Futebol, Identidade, Trabalho, Profissionalização.

Introdução

O desenvolvimento da prática do futebol em Criciúma deu-se de forma paralela à formação de uma sociedade do tipo industrial moderna na região Sul de Santa Catarina, no caso específico, promovida pelo fortalecimento de uma economia

profundamente baseada na indústria de mineração do carvão. Todos os seis clubes que serão abordados neste estudo – Ouro Preto Futebol Clube, Atlético Operário Futebol Clube, Esporte Clube Metropol, Esporte Clube Próspera, São Paulo Futebol Clube e Comerciário Esporte Clube – foram fundados durante a década de 1940, momento a partir do qual Criciúma passou a ser enaltecida como “Capital Brasileira do Carvão” e/ou a “Metrópole do Carvão” (CAROLA, 2002, p. 18). Portanto, a origem de todos eles está vinculada a um processo maior de estruturação de Criciúma enquanto cidade polo da região carbonífera de Santa Catarina.

É neste contexto que atuará a LARM¹ – Liga Atlética da Região Mineira –, fundada em 05 de maio de 1948. Como veremos, o advento da LARM marca o início de uma fase distinta na história do futebol de Criciúma, onde um dos acontecimentos mais emblemáticos talvez tenha sido a oficialização do regime profissional em 1952.

A oficialização do regime profissional

O primeiro artigo dos estatutos da LARM dizia que a mesma “tinha por fim o aperfeiçoamento e a difusão do amadorismo no esporte”. No entanto, já em 1949 o Comerciário Esporte Clube entrou com um polêmico pedido na entidade: a inscrição de um atleta “não amador”. Com direito a um caloroso debate e através de votação, ficou decidido que a inscrição poderia ser realizada. Não sem protesto dos desacordes, que alegavam estar a entidade ferindo seus estatutos de liga amadora.²

O Comerciário era o time que representava os comerciantes do centro da cidade, mas também nos times das vilas operárias mineiras “os jogadores, em sua maioria, eram trabalhadores das próprias carboníferas, mas acontecia que alguns jogadores vinham integrar o time e se tornavam operários das empresas” (BERNARDO, 2004, p. 132). Em relação ao Esporte Clube Metropol, “a Companhia Metropolitana bancava os gastos do time com alimentação e transporte, além de incluir um adicional na folha de pagamento dos funcionários-atletas” (SILVA JÚNIOR, 1996, p. 31). Alves (2001, p. 20) diz que o Esporte Clube Próspera “sempre contou com a ajuda de um quadro de associados, na sua grande maioria funcionários da Carbonífera Próspera”.

¹ Lê-se “Larmi”.

²Arquivo do Criciúma Esporte Clube. Liga Atlética da Região Mineira. Criciúma. Ata de reuniões. Livro 2, 1949, p.54-57.

Em princípio, este “profissionalismo camuflado”, como foi classificado por comentaristas da época, trazia benefício aos times, que precisariam gratificar somente os jogadores mais assediados. Entretanto, o aumento da concorrência por bons jogadores elevava cada vez mais as despesas dos clubes que, sem um contrato oficial, não tinham qualquer tipo de garantia quanto à fidelidade dos atletas.

Foi a partir desta conjuntura que começou a ser debatida na LARM a possibilidade de adoção do regime profissional pela liga. O então presidente da entidade era Túllio Schibuola, diretor que acumulava relativa experiência no futebol, tendo sido, inclusive, um dos diretores da Portuguesa de Desportos quando da sua profissionalização em 1933. O processo foi bastante delicado, tendo começado a ser discutido em maio e oficializado somente em agosto de 1952, quando a LARM foi transformada em uma liga mista, amadora e profissional.³

O aumento da seriedade no futebol

Para Dunning (1992), o crescimento do significado social do desporto, orientado para o aumento da competitividade, do envolvimento sério e da busca pelos resultados, não deve ser entendido como uma simples oposição entre os defensores do amadorismo e os adeptos da profissionalização, mas, antes, como um conflito que surge da polaridade de objetivos que existe entre um jogo voltado para a satisfação dos próprios jogadores – amador – ou um jogo dirigido para os espectadores – profissional.

Segundo o sociólogo, estas polaridades entre os interesses dos jogadores e dos torcedores – entre seriedade e jogo – estão profundamente relacionadas. Ao levar um jogo a sério, os jogadores aumentam o nível de tensão e de rivalidade hostil do confronto, ficando mais susceptíveis a transgressões de regras e atitudes desleais. Na medida em que os torcedores se identificam com as equipes, estão sujeitos a encarar uma derrota com mais dificuldade e, “uma vez atingido um determinado nível, até podem invadir o campo numa tentativa de suspender por completo o encontro” (DUNNING; ELIAS, 1992, p. 305).

As informações contidas nas atas da LARM parecem apontar para a direção indicada por Dunning, ou seja, para um progressivo aumento no nível de envolvimento

³Arquivo do Criciúma Esporte Clube. Liga Atlético da Região Mineira. Criciúma. Ata de reuniões. Livro 2, 1952, p.93-97.

de uma significativa parcela da sociedade criciumense para com o futebol. O crescimento da seriedade com a qual os jogos eram encarados ficam evidentes nas ocasiões em que os jogos perdem o caráter de confronto simulado e irrompem em conflitos reais.

No Campeonato de 1948 não há notícias de grandes confusões, mas é preciso destacar a criação da Taça Disciplina no transcorrer da competição e a contratação de um segurança para impedir as invasões de campo.⁴ Vários relatórios de irregularidades ocorridas nos jogos foram enviados ao Conselho de Justiça durante o Campeonato de 1949, a ponto de ser criado um novo órgão que cuidaria exclusivamente destas questões, a Junta Disciplinar Desportiva. Mesmo assim, ao final da temporada, “lastimáveis ocorrências” fizeram o presidente da liga pedir demissão.⁵

Apesar dos esforços da LARM, os casos de violência no futebol aumentaram ainda mais e talvez tenham atingido seu ápice no Campeonato de 1950. Confirmando o favoritismo, os dois times que haviam se tornado os maiores rivais da cidade, Comerciário Esporte Clube e Atlético Operário Futebol Clube, chegaram à final da competição, marcada para 14 de janeiro de 1951. A imprensa local nos conta como foi o clássico pela hegemonia do futebol de Criciúma:

O jogo entre Atlético e Comerciário vinha sendo aguardado sob intensa expectativa [...]. Grande público se movimentou à tarde de ontem, rumo ao Estádio Irineu Bornhausen, ávido de assistir o sensacional embate. Como de costume, as torcidas dos dois clubes se colocaram uma no lado das cadeiras (Comerciário), outra no lado oposto. O jogo se iniciou às 17 horas, observando-se precaução por parte dos dois quadros. Qualquer descuido poderia ser fatal, de sorte que havia natural nervosismo entre jogadores e o público. Na primeira fase, observou-se domínio não muito acentuado por parte do esquadrão alvi-azul, mas o Atlético apesar de ter ficado com 10 jogadores dos 5 minutos em diante, tirou melhor proveito de um *penalty* que Jonas converteu. Murici [do Comerciário] desperdiçou uma penalidade máxima e a primeira fase assim terminou: Atlético 1x0 Comerciário. O seguinte tempo mostrou uma tática diferente do quadro operário que procurou garantir o escore, atuando com 2 homens na linha e 8 na defesa.

⁴Arquivo do Criciúma Esporte Clube. Liga Atlético da Região Mineira. Criciúma. Ata de reuniões, Livro 2, 1948, p.03.

⁵Arquivo do Criciúma Esporte Clube. Liga Atlético da Região Mineira. Criciúma. Ata de reuniões, Livro 2, 1949, p.47-60.

Aos 35 minutos de jogo Murici aproveitando um passe da direita empata a partida. Houve incidente, agressão ao juiz, invasão de campo e interrupção da peleja. Alega a torcida do Comerciário que o *goal* foi legítimo e que Anísio [goleiro do Atlético] foi o causante do tumulto. O Sargento Sérgio Tomazini [árbitro] foi agredido a socos, mas logo a polícia o protegeu. A partida não foi ao fim quando era o seguinte resultado: Comerciário 1x1 Atlético.⁶

Um dos elementos que mais chamam a atenção neste episódio é a grande capacidade que os clubes tinham de representar grupos antagônicos de torcedores que ocupavam lados opostos do estádio. Segundo Dunning (1992, p. 321), este é mais um fator que leva os atletas a se dirigirem para “os outros” e resulta no aumento da seriedade na prática do esporte. Como previsto, uma vez atingido determinado nível, os espectadores poderiam até “invadir o campo numa tentativa de suspender por completo o encontro”. Foi exatamente o que aconteceu na final de 1950.

A representatividade dos clubes

A conturbada final foi, acima de tudo, uma disputa entre um clube que representava os moradores da maior vila operária de Criciúma, o Atlético Operário, e outro que representava a classe dirigente do centro da cidade, o Comerciário. Portanto, estão imbricadas aí não só paixões esportivas, mas também identidades étnicas, culturais, territoriais e de classe, que ajudam a entender o nível de seriedade com a qual foi encarado o confronto. De acordo com Darlan Alves (2001, p. 18), o time do centro recebia de certa forma, “a antipatia dos torcedores das carboníferas”. Ao analisarmos as fontes, percebemos que esse acirramento entre o Comerciário e os demais times, assim como o crescimento da identificação dos clubes com seus torcedores, caminhou em paralelo com o aumento da seriedade verificado no futebol.

Em 1948, é provável que cada clube já possuísse um quadro de torcedores relativamente fiéis, geralmente a partir de uma identificação prioritariamente territorial/comunitária. No entanto, nos parece que neste período as rivalidades não estivessem tão aguçadas e a prática comum de unir os times para compor uma única equipe pode ser um indicativo desta situação.

⁶“Campeão Criciumense de 1950 ainda não ficou conhecido”. Folha do Povo. Criciúma, 15 jan. 1951.

Coincidência ou não, é após a confusão da final de 1950 que o Comerciário começará a aparecer como “o mais odiado” da cidade. Na decisão do Torneio Extra de 1951 contra o São Paulo Futebol Clube, por exemplo, “o público se dividiu nas preferências: a numerosa torcida comerciária, e a torcida são-paulina e dos demais quadros, que se coligaram, apoiando aquele que era considerado o mais fraco”.⁷ No final do ano, em jogo contra o Cruzeiro de Porto Alegre, a *Folha do Povo* lamentou “o fato de torcedores de outros clubes rivais do Comerciário terem feito apaixonada torcida contra os locais”.⁸

Apesar do curto período de atuação da LARM, no início de 1952, quando foi adotado o regime profissional, o futebol de Criciúma parecia já não ser mais aquele de 1948. De elemento que compunha a imagem de uma cidade moderna e civilizada, havia se transformado em um campo de disputas sérias que por muitas vezes convertia-se em espaços de violência generalizada. Para os torcedores, já não bastava torcer pela cidade, mas sim para o seu clube e, em alguns casos, a favor dos visitantes e contra os rivais. Para os dirigentes da LARM, a imagem da cidade divulgada através do esporte nem sempre era aquela idealizada. O futebol parecia estar fugindo do controle.

A imagem da cidade desde o futebol

As notícias da grande confusão chegaram rapidamente às demais cidades do Estado. A repercussão mais negativa certamente aconteceu em Florianópolis, quando a imprensa da capital disse que “as atitudes degradantes e ignominiosas da torcida, colocavam em xeque [seus] foros de povo civilizado”.⁹ Como era de esperar, este fenômeno despertaria a reação de alguns segmentos da sociedade, como fica evidente na nota de “rebate” dada pela imprensa de Criciúma aos colegas de Florianópolis.¹⁰

Talvez aí residisse o grande paradoxo da LARM. Para fazer bonito dentro de campo, conquistando bons resultados contra equipes mais tradicionais, era preciso times competitivos, compostos por atletas que encarassem o futebol com grande seriedade. Por sua vez, era justamente este fator “seriedade” que, quando atingia

⁷“São Paulo vence o Torneio Extra de 1951”. *Folha do Povo*. Criciúma, 30 abr. 1951.

⁸“O Cruzeiro estreia em Criciúma, 1x1”. *Folha do Povo*. Criciúma, 12 dez. 1951.

⁹“Posto de Observações”. *O Estado*. Florianópolis, 17 fev. 1951.

¹⁰“Palpite infeliz”. *Folha do Povo*. Criciúma, 26 fev. 1951.

determinado nível de tensão, proporcionava casos de transgressão dentro e fora de campo, os quais acabavam por prejudicar a imagem da cidade. Na temporada de 1951, o comentarista de codinome “Pé... Ligeiro” fez o seguinte balanço:

Se não me falha a memória, este ano, em quase todas as rodadas disputadas, os árbitros foram sempre as vítimas, devido à incompreensão e falta de educação esportiva de alguns torcedores exaltados. Alguns juízes foram até esbofeteados em pleno gramado. Houve até elementos componentes de diretorias de alguns clubes locais que tomaram parte nestas agressões corporais, chegando mesmo a incentivar a torcida contra os árbitros; fatos estes bastante lastimáveis, porque não é crível que numa cidade como Criciúma, que acompanha de perto a *marcha vertiginosa da civilização*, aconteçam casos dessa natureza.¹¹

Podemos afirmar, com certa precisão, que este fenômeno estava diretamente ligado ao aumento da seriedade com a qual jogadores e torcedores vinham encarando o futebol desde o final da década de 1940, e que oficializar a adoção do regime profissional poderia significar a dissolução do que restava dos “valores amadores” e avalizar este processo que, em muitos casos, estava prejudicando a imagem idealizada da cidade de Criciúma.

O futebol e as interdependências sociais

Uma semana após o seu cronista esportivo ter sido agredido enquanto apitava um jogo de futebol, a *Folha do Povo* veiculou a seguinte matéria, talvez escrita pela própria vítima. O diagnóstico nos traz quase todos os elementos que estavam envolvidos no processo de profissionalização do futebol de Criciúma, que começaria a ser debatido exatamente um ano mais tarde.

Do jeito como vão as coisas, dentro de pouco tempo, deixará de existir, por parte dos que apreciam o futebol, o interesse e apoio que sempre deram aos esportistas e aos clubes locais. São exatamente os clubes mais em evidência os que, por seus craques, com exceções, têm sido pródigos nos maus

¹¹“Chute sem bola”. *Folha do Povo*. Criciúma, 13 ago. 1951. [grifos nossos]

exemplos. Urge que voltemos àqueles bons tempos do passado, em que o futebol era praticado por bons esportistas, tão somente. [...] já firmou hábito, em nossos gramados, verem-se os jogadores em luta desrespeitando a tudo e a todos. A polícia deve tomar providências enérgicas, para que a punição sirva de exemplo aos desordeiros, atrevidos, mal educados e péssimos desportistas que infestam os campos de futebol.¹²

Para o autor, uma das principais consequências negativas dos casos de violência nos jogos seria o possível fim do apoio que os “apreciadores” do futebol “sempre deram aos esportistas e aos clubes locais”. Apoiar os clubes e os atletas significativa se identificar com eles e, a partir de então, ir ao estádio pressionar os jogadores pela realização de um espetáculo excitante ou pela obtenção de um resultado que causasse orgulho à coletividade que eles representavam. Se este apoio fosse financeiro, a cobrança sobre os jogadores seria ainda mais legítima e a pressão aumentaria. Como vimos, era justamente este crescimento da competitividade e da busca por resultados que estava fazendo com que o futebol perdesse a característica de um “confronto simulado” para transformar-se em um conflito real. O autor também fala sobre os “bons tempos do passado, em que o futebol era praticado por bons esportistas”. Para nós, numa referência clara e saudosista aos valores amadores.

São elementos como estes, imbricados no processo de profissionalização do esporte, que tornam a sua aceitação tão conflituosa. Durante as discussões em torno da mudança dos estatutos da LARM, não percebemos nenhum grupo de oposição à oficialização do regime profissional, no entanto, isso não quer dizer que não houve resistência. O cuidado com o qual o processo foi conduzido pela LARM e os receios após sua homologação sugerem que este foi sim um processo longo e conflituoso.

A solução, prosseguindo com a opinião do articulista da *Folha do Povo*, seria a punição. No entanto, vimos que a presença da polícia parecia não intimidar os desordeiros. Apesar da existência de um Conselho de Justiça e de uma Junta Disciplinar Desportiva, suas atuações também não demonstraram muita eficácia e raras vezes as penas por eles aplicadas foram cumpridas. No caso da final de 1950, por exemplo, quando os juízes foram unânimes em apontar o goleiro do Atlético Operário como o sendo o “causador principal dos distúrbios”, o jogador foi “suspense por tempo

¹²“A polícia deve tomar conta”. *Folha do Povo*. Criciúma, 07 mai. 1951.

indeterminado”. Contudo, apenas quatro meses depois, Anísio Cardoso compareceu à reunião da LARM para “pedir condescendência pela falta cometida”, e o presidente da liga sugeriu a absolvição “para que não ficassem ressentimentos”. Na ocasião, houve protesto por parte do presidente do Comerciário que, curiosamente, ainda naquela temporada contratou Anísio para jogar no seu clube.¹³

Este episódio, dentre outros que poderiam ser descritos, serve para demonstrar a grande interdependência que existia no futebol de Criciúma às vésperas da adoção do regime profissional. Mesmo sendo representada como a “Metrópole do Carvão”, Criciúma, nesta época, possuía pouco mais de 50 mil habitantes. Portanto, quando o Comerciário ficou sem goleiro, talvez a única alternativa tenha sido a contratação de Anísio. Apesar do prestígio que o futebol tinha neste período, havia poucos clubes filiados à LARM e um número reduzido de atletas “de destaque”, alguns fiéis, outros transitando entre os seis times “grandes” da cidade.

Nos clubes das vilas operárias, em muitos casos, patrões e empregados vestiam o mesmo uniforme. Até o Comerciário, o time “da elite”, para ter uma equipe competitiva precisava admitir jogadores de origem mais “popular”. A ausência e ineficácia das punições sugerem que, por mais que os objetivos em torno do futebol pudessem divergir em alguns aspectos, todos os envolvidos possuíam algum tipo de poder sobre os demais, fazendo parte de uma configuração única, mas composta por pessoas e grupos interdependentes que exerciam pressões uns sobre os outros.

Para Norbert Elias (1992), o equilíbrio entre as relações de poder de uma sociedade está intimamente ligado ao nível de divisão do trabalho nela existente. Com o aumento da “especialização funcional”, os diferentes grupos passam a depender mais uns dos outros provocando, assim, uma diminuição do “poder diferencial”, ou seja, o crescimento da divisão do trabalho tende a abrandar a discrepância nas relações de poder entre dirigentes e dirigidos. Segundo o sociólogo, “este processo efetua-se porque os representantes de papéis especializados estão dependentes uns dos outros e podem, por esse motivo, exercer controle recíproco” (ELIAS, 1992, p. 320).

Eric Dunning (1992, p. 312) observa que foi a partir da emergência dos Estados urbanos e industriais que “as formas de desporto mais ‘dirigidas para os outros’ se orientaram para os resultados e se desenvolveram esforços no sentido da luta e da

¹³Arquivo do Criciúma Esporte Clube. Liga Atlético da Região Mineira. Criciúma. Ata de reuniões, Livro 2, 1951, p.73-75.

identidade e de recompensas pecuniárias”. O sociólogo sugere que a origem social do aumento da seriedade nos jogos, “deva ser procurada na configuração social elaborada em conjunção com a industrialização” (DUNNING, 1992, p. 313). Para ele, “a chave para esta relação se situa no processo que Elias designa por ‘democratização funcional’ – a mudança que estabelece a igualização no equilíbrio de poder” (p. 318). O elo entre a “democratização funcional” e o crescimento da seriedade no esporte seria o poder de representatividade que o mesmo adquire neste tipo de configuração social. Estas pressões recíprocas geralmente se reproduzem na esfera esportiva, transformando os lados oponentes em elementos de identificação (DUNNING, 1992, p. 324).

Considerações finais

O arcabouço teórico-metodológico aqui utilizado nos ajuda a melhor esclarecer práticas sociais que a princípio parecem contraditórias, como a relação entre violência e profissionalização no esporte, mas que emanam, além das questões desportivas mais imediatas, da configuração social global na qual jogadores, dirigentes e torcedores estão inseridos. Não se trata de forjar o nosso objeto de estudo a fim de “encaixá-lo” em um modelo predeterminado, mas as observações que fizemos acerca do aumento da seriedade no futebol de Criciúma, que culminou na oficialização do regime profissional em 1952, apontam que este fenômeno esteve intimamente ligado ao processo de desenvolvimento de uma sociedade do tipo industrial na região. Apesar de esta constatação parecer empiricamente óbvia, é a partir dos conceitos desenvolvidos por Norbert Elias e Eric Dunning que ela pode ser melhor compreendida.

Isto sugere a possível existência, segundo Dunning (1992, p. 311), de “uma ligação entre o processo de civilização e a tendência para a crescente seriedade assinalada nas formas de participação no desporto”. Elementos que julgamos estar presentes na sociedade criciumense daquele período, como a “democratização funcional” que suscitava identidades entre clubes e torcedores e as “cadeias de interdependência” que permitiam a convivência de objetivos opostos em torno do futebol, são processos estruturais que estão nas origens sociais do “processo de civilização”, teoria principal que norteia as ideias tanto de Dunning quanto de Elias.

Referências bibliográficas

ALVES, Darlan. *Poder e futebol na Metrópole do Carvão*. 2001 (Monografia de especialização em História). FAED/UDESC, Florianópolis.

BERNARDO, Roseli Terezinha. O tempo e os espaços de entretenimento das famílias operárias mineiras. In: GOULART FILHO, Alcides. (org.). *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 129-148.

CAROLA, Carlos Renato. *Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)*. Florianópolis: UFSC, 2002.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

Documentos

A GAZETA. Florianópolis. Edição do dia 03 de agosto de 1949. [Arquivo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina]

FOLHA DO POVO. Criciúma. Edições publicadas entre janeiro de 1951 e setembro de 1952. [Arquivo Histórico Pedro Milanez, Criciúma/SC]

LIGA ATLÉTICA DA REGIÃO MINEIRA. Criciúma. Ata das sessões realizadas entre maio e outubro de 1948. Livro 1, p. 01-50. [Arquivo do Criciúma Esporte Clube]

LIGA ATLÉTICA DA REGIÃO MINEIRA. Criciúma. Ata das sessões realizadas entre outubro de 1948 e setembro de 1952. Livro 2, p. 01-100. [Arquivo do Criciúma Esporte Clube]

O ESTADO. Florianópolis. Edição do dia 17 de fevereiro de 1951. [Arquivo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina]